

O *ghosting* como atualização do desamparo

Copo vazio, de Natalia Timerman

Sybele Macedo

Sem você, meu amor, eu não sou ninguém
(Vinicius de Moraes, *Samba em prelúdio*)

Freud, em “O futuro de uma ilusão” (1927/2014), compreende o desamparo não somente como um momento do funcionamento psíquico, mas como uma condição que acompanha o sujeito por toda a sua existência sob a forma de um sentimento estruturante. O termo “desamparo” está presente desde as primeiras formulações freudianas. Em “Projeto para uma psicologia científica”, Freud (1895/2006) nos revela que o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais. Ali, ele nos ensina que estamos sempre irremediavelmente ligados ao outro, em sua dependência.

O desamparo faz-se presente quando nos vemos ansiosos diante de uma situação de perigo (Freud, 1926/2014). Esse perigo, segundo Freud, é o de perder o objeto, de ser abandonado por aquele que livra a pequena criança da situação de desamparo. A criança — e também o adulto — precisa de um outro. Quando o amor desse outro é perdido, surge a angústia do abandono, e o desamparo se atualiza.

Não é de hoje que amores são abandonados sem aviso. Medeia é abandonada por Jasão, Emma Bovary, por Rodolphe, e Anna Karenina, por Vronsky. Em *Dias de abandono*, Elena Ferrante (2016) nos convida a acompanhar todos os estágios do abandono vividos por Olga: o desespero e a raiva, misturados à saudade, à obsessão e ao medo de transformar-se na *poverella*, a figura quase mítica da mulher decrépita que é abandonada pelo marido e enlouquece.

O tema de *Copo vazio* é também o abandono, que, em face da liquidez das relações contemporâneas, ganha um novo nome: *ghosting*. O termo vem do inglês *ghost* (fantasma) e é utilizado quando duas pessoas estão se relacionando e uma delas decide sumir da vida da outra de forma inesperada, parando de responder às suas mensagens, rejeitando suas ligações e evitando qualquer forma de contato, sem qualquer explicação. Embora esse fenômeno não seja novo, o abandono — ou *ghosting* — ganha novos contornos com a influência da tecnologia nas relações amorosas.

É por meio da tecnologia, na forma de um aplicativo de encontros, que Mirela conhece Pedro, por quem se apaixona vertiginosamente. Mirela, uma jovem arquiteta talentosa e independente, parece encontrar em Pedro a saída para sua solidão e fica obcecada não somente por ele, mas também pela versão de si mesma como objeto desse amor. O relacionamento, entretanto, dura muito pouco. Três meses depois, sem qualquer explicação, Pedro desaparece, deixando Mirela em um profundo desalento.

O *ghosting* é um fenômeno inerente às relações estabelecidas por meio de redes sociais e aplicativos, que parecem potencializar o modo antigo de desaparecer. Ignorar, silenciar ou bloquear o outro faz com que terminar um relacionamento pareça algo tão simples quanto desligar o celular. O tempo da internet também é outro. A profusão de informações, fotos e possibilidades de interação nos dá uma rápida sensação — ou seria ilusão? — de intimidade. No entanto, isso não passa de uma armadilha. Aquilo que é mostrado nas redes sociais e nos aplicativos não passa de uma versão editada, que, sem a profundidade espacial dos encontros físicos, pode facilmente coincidir com nossas expectativas, muito mais do que com a realidade.

A autora, Natalia Timerman, explica em entrevista ao *Estado de Minas* (Monteiro, 2021) que o sumiço repentino dificulta a elaboração de um processo doloroso como o término de um relacionamento. Um processo que deveria envolver os dois é vivido somente por um, fazendo atualizar naquele que é deixado para trás sem qualquer aviso um dos maiores medos do sujeito: o medo do abandono, essência do desamparo.

Se, para Freud, a angústia é a manifestação do medo da perda do objeto, para Lacan ela é efeito de uma falta que nos é estrutural, e que Natalia Timerman chama de vazio. É essa falta, esse vazio, que faz de nós seres desejantes. Mas, para a autora, o abandono faz com que outro vazio se instaure como um vácuo, que é prontamente preenchido pela raiva, pela culpa e por fantasias que tentem dar conta do desaparecimento repentino do outro: Será que ele perdeu o celular? Será que ele está doente? Talvez tenha sofrido um acidente... Esses pensamentos extremos tentam, na verdade, ocultar o insuportável: a pessoa simplesmente não está mais interessada, quis ir embora e preferiu fazê-lo do jeito mais fácil, deixando com quem fica o desespero de tentar se agarrar aos fios que restaram do relacionamento, quase sempre em vão.

O sumiço repentino é, sem dúvida, facilitado pela tecnologia, mas isso não quer dizer que podemos culpá-la pela irresponsabilidade emocional, tampouco pelo desamparo que o *ghosting* deixa em quem foi abandonado. Para Freud, o amor é um tipo especial de pulsão, que permite três possibilidades de negação: amar opõe-se a ser amado e também a odiar (Freud, 1915/2010). Contudo, destaca

Dunker (2017), a real oposição dá-se entre o amor e a indiferença, que parece ganhar corpo no fenômeno do *ghosting*. “Em certa medida, a indiferença prospera onde a existência da palavra pessoal e direta declina” (Dunker, 2017, p. 253).

É com a indiferença de Pedro que Mirela precisa lidar, o que aparece, por exemplo, no fato de que os planos que fizeram juntos, como a viagem iminente à cidade de Pedro para conhecer sua família e seus amigos, não tinham para ele a mesma importância que pareciam ter para ela. A sensação de devastação sentida por Mirela parece desproporcional diante de um relacionamento tão curto, o que faz com quem seu sofrimento ganhe uma camada a mais, a da vergonha de estar sofrendo por amor.

A amplitude do sofrimento de Mirela parece não combinar com a suposta impessoalidade que as tecnologias digitais de relacionamento podem oferecer. Mas a possibilidade de encontrar alguém que nos interessa em um cardápio bem editado parece potencializar nossas fantasias acerca de um parceiro ou de uma parceira ideais, alguém capaz de nos completar como no mito platônico dos seres sexuados.

O amor, não raro, tira do sujeito a certeza sobre seu próprio eu. Quando amamos, a fronteira entre o eu-amante e o eu-amado fica borrada e, por vezes, ameaça desaparecer. Talvez por isso o *ghosting* seja tão dolorido: Mirela não é abandonada somente por Pedro, mas também por todos os ideais e fantasias construídos em torno dessa relação. Uma possível tradução para o *ghosting* é “dar um perdido”. Pedro vai embora, mas é Mirela quem fica perdida, sem entender o que fez com que fosse abandonada, sentindo-se culpada pelo fim do relacionamento e tentando encontrar em si razões para Pedro tê-la abandonado sem deixar vestígios. O *ghosting* é uma das *performances* da indiferença, o real oposto do amor.

Amar é estar frágil, é demonstrar desejo e vulnerabilidade. Por isso, nós nunca estamos tão indefesos e somos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos nosso objeto de amor, ou o amor dele por nós, ensina Freud (1930/2010). Isso parece assustador, mas amar é, na verdade, uma das maiores potências da vida. É por meio do amor que reconhecemos nossa incompletude. Isso não quer dizer que amar é encontrar um outro que nos complete, mas, sim, como ensina Lacan, dar o que não se tem a alguém que não o quer.

Referências bibliográficas

- Dunker, C. I. L. (2017). A cultura da indiferença. In *Reinvenção da intimidade: políticas de sofrimento cotidiano* (pp. 251-253). São Paulo: Ubu.
- Ferrante, E. (2016). *Dias de abandono*. São Paulo: Biblioteca Azul.
- Freud, S. (2006). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2010). O instinto e seus destinos. In S. Freud. *O inconsciente; introdução ao narcisismo; ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930-1936]*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos [1926-1929]*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In S. Freud. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos [1926-1929]*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Monteiro, L. (2021). *Ghosting: desaparecimento potencializado e amores abandonados*. *Estado de Minas*. Recuperado em 7 de abril, 2021, de https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2021/04/18/interna_bem_viver,1256937/ghosting-desaparecimento-potencializado-e-amores-abandonados.shtml
- Timerman, N. (2021). *Copo vazio*. São Paulo: Todavia.

Recebido: 01/12/2021

Aprovado: 15/12/2021